

CHIBÉ, DE RAIMUNDO HOLANDA GUIMARÃES: UM ROMAN À CLEF NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XX

José Victor Neto (UERJ)¹

Resumo: Este trabalho visa compreender o romance *Chibé* (1964), de Raimundo Holanda Guimarães, como um *roman à clef*, a partir da observação de seus pontos de convergência com as características distintivas desse gênero narrativo. O romance *Chibé* se passa na década de 1930, na Vila do Apeú (Castanhal-PA), e expõe a decadência moral de pessoas influentes, gerando uma grande polêmica, o que levou o autor a sofrer ameaças de morte e sua obra a ser apreendida. Pretende-se refletir acerca do contexto de produção e recepção da obra, dando especial destaque aos relatos orais de moradores de Castanhal contemporâneos à polêmica, de modo a lançar luzes sobre as correspondências entre realidade e ficção no romance.

Palavras-chave: *Chibé*; Holanda Guimarães; *Roman à clef*; Romance

O trabalho ora proposto visa compreender o romance *Chibé* (1964), do escritor castanhalense Raimundo Holanda Guimarães, como um exemplar do gênero romanesco conhecido como *roman à clef*, surgido na França pré-revolucionária, e recorrente até os nossos dias. Com vistas a dar um encadeamento coerente às ideias aqui abordadas, será feita, inicialmente, uma breve apresentação da vida e da obra de Raimundo Holanda Guimarães. Em um segundo tópico, serão abordados aspectos referentes à definição, características e histórico do *roman à clef* enquanto gênero romanesco. Por fim, serão abordados aspectos referentes ao contexto de produção do romance *Chibé*, buscando compreender o processo de escrita adotado pelo autor, bem como a polêmica envolvendo a recepção da obra, o que ocasionou sua apreensão, de forma arbitrária, pelas autoridades locais. Para tanto, ganham especial destaque os relatos coletados em entrevistas² realizadas com moradores da cidade de Castanhal, contemporâneos à polêmica em questão, de modo a lançar luzes sobre as possíveis correspondências entre realidade e ficção presentes no romance. Esperamos, com tal estudo, compreender o romance *Chibé* como um provável exemplar do gênero *roman à clef*, bem como contribuir para uma maior conhecimento acerca desta obra e de seu autor, praticamente desconhecidos da crítica especializada e da historiografia literária paraense em processo de formação.


¹ Professor EBTT de Língua Portuguesa (IFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA), Doutorando em Literatura Comparada (UERJ). Contato: zevictor042@yahoo.com.br.

² As entrevistas foram realizadas obedecendo-se todos os protocolos e cuidados éticos e legais, de acordo com a metodologia utilizada no campo da História Oral, com embasamento nas proposições de Sônia Maria de Freitas, em *História oral: possibilidades e procedimentos* (2006).

Autor e obra

Nascido na Vila do Apeú, município de Castanhal-PA, em 1935, o escritor, juiz de direito e jornalista Raimundo Holanda Guimarães foi desde muito cedo um dos intelectuais mais inquietos e polêmicos do lugar, estando envolvido em diversas desavenças com os poderosos locais, movido por seu exacerbado senso de justiça e por sua língua sempre ferina. Fundou em 1952, aos 17 anos, o primeiro jornal da cidade, *A Gazeta de Castanhal*. Em 1957, ingressou na *Folha do Norte*, um dos maiores jornais da capital paraense, sob a chefia do também polêmico jornalista Paulo Maranhão. Após a venda da *Folha do Norte* para Rômulo Maiorana, que mudou o nome do jornal para *O Liberal*, Holanda Guimarães permaneceu trabalhando no mesmo como editor chefe até a década de 1980, quando se formou em direito pela Universidade Federal do Pará e optou por abandonar o posto. Pouco tempo depois prestaria exame para a carreira de juiz, obtendo êxito, e permanecendo na carreira até se aposentar, quando passa a atuar como advogado. Em 2004, ano de sua morte, fundou ainda o polêmico *Novo Jornal*, um periódico pautado em reportagens investigativas e denúncias polêmicas, tendo conciliado a direção do mesmo com a carreira de advogado. No campo literário publicou, além do romance *Chibé* (1964), a prosa memorialista *Cidade Perdida (Saga de tarimbeiro)*, em 1999, e a coletânea de crônicas *A Cor da Saudade*, em 2004, as quais haviam sido publicadas originalmente na *Folha Vespertina* (entre 1961 e 1968), em *O Liberal* (entre 1973 e 1995), e no *Novo Jornal* (em 2004). Dentre suas obras, algumas das quais marcadas pelo signo da polêmica, o romance *Chibé* foi, certamente, o livro que causou maior escândalo, motivo pelo qual é hoje tão pouco conhecido.

Publicado em 1964, o romance *Chibé* constitui uma obra de cunho satírico, que esteve, desde o momento de sua publicação, envolvida em muitas polêmicas. O romance em questão tem estreitas ligações com a história local, sendo nele citadas pessoas reais, travestidas por nomes e personagens ficcionais, algumas delas personalidades de grande destaque social local. Tal façanha teria custado “caro” ao autor, pois embora tenha substituído os nomes verdadeiros das personalidades retratadas por pseudônimos, a descrição extremamente detalhada dos papéis sociais, origens, caracteres físicos e, principalmente, comportamentais, possibilitou um reconhecimento quase que imediato destas por parte dos leitores. O autor satiriza o comportamento



moralmente reprovável das personagens, narrando escândalos e situações vexatórias, como os da família de portugueses radicados na Vila, “os FONSECAS”, cujo patriarca enriquecera porque “furtava no pêso” (1964, p.34); a matriarca, dona Belmira, adúltera, escandalosa e desbocada, “vocífera, insulta com palavreado obsceno, quando sabe que dela falam, até envenenou um punhal, experimentou num capão do terreiro, morreu instantâneo; anda com a arma no cós da saia, ameaçando quem lhe atingir a moral” (p.69); e a filha, Diva, de comportamento promíscuo, mantinha relacionamentos amorosos com os homens casados da Vila, e após um casamento frustrado, retorna grávida à casa dos pais, depois do que “virou quenga falada, parindo por ano um filho de cada côr” (p.29). O casamento malfadado de Diva teria terminado devido à homossexualidade de seu marido, um português da vizinha Vila de Americano chamado Vicente, que “fazia papel de mulher, pegado com homem escanchado nos quartos” (p.29), o qual fora pego por ela em flagrante ato sexual com um conhecido dentista daquela Vila. São retratados ainda os amores ilícitos de padre Emílio, um clérigo da Vila do Apeú que “bolina as beatas no confessionário” (p.40), ali batizando e sendo “padrinho de neto, compadre de filho” (p.41), vivendo em quase explícita promiscuidade e flagrante desrespeito aos votos de castidade. Além disso, são relatadas também as trapalhadas do cartorário e poeta da Vila, de nome Bernardo, que acabava quase sempre se expondo a situações ridículas e vexatórias, seja buscando demonstrar toda a sua erudição em seus discursos encomiásticos nos eventos festivos, seja combatendo, como homem íntegro que queria parecer ser, a degradação moral da Vila, atacando frontalmente o comportamento libertino das galegas Belmira e Diva. Todas as personagens supracitadas, sendo as mesmas as protagonistas do romance, apresentavam correspondentes reais, tendo sido apenas trocados os nomes verdadeiros por outros, alguns dos quais guardando fortes similaridades em relação aos nomes reais. Tais relatos entremeados de “realidade” levariam o autor a ser jurado de morte na Vila de Apeú, tendo de sair da cidade, e seu livro a ser apreendido pelas autoridades locais, restando dele apenas seis exemplares conhecidos, até o momento.

O romance *Chibé*, em decorrência das polêmicas em que esteve envolvido, seguiu por muito tempo como uma obra sequestrada aos olhos do grande público e da crítica especializada por seu nebuloso contexto de publicação, repressão e silenciamento. Mesmo o autor, apesar das demais obras publicadas, permaneceu até

então pouco conhecido, sendo feitas a ele raras menções em trabalhos de cunho acadêmico, dentre os quais se destaca o texto *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará (com omissões perdoáveis e imperdoáveis)* (2012), do ilustre professor Benedito Nunes, o qual faz uma rápida menção a um dos livros mais recentes do autor: “Deve-se a Holanda Guimarães – *Cidade Perdida (Saga de tarimbeiro, 1999)*, outra espécie de memórias, que toma uma cidade – Castanhal – como sujeito social e político” (p.55).


Roman à clef

Segundo Melissa Boyde, “*roman à clef*, um termo francês que significa ‘romance com uma chave’, refere-se a obras de ficção em que pessoas ou eventos reais podem ser identificados por um leitor que os conhece, geralmente um membro de uma *coterie*”³ (2009, p.156), ou seja, trata-se de um romance no qual o autor retrata pessoas reais, ocultando-lhes os nomes verdadeiros através de pseudônimos. Possuir as chaves de um *roman à clef* significa conhecer as pessoas reais a quem as personagens ficcionais presentes no romance fazem referência. Nesse tipo de relato satírico, a hipocrisia de pessoas de grande notoriedade é geralmente atacada a partir da exposição de suas vidas íntimas, eivadas de infâmias e desvios morais, em contraste com as ilibadas máscaras sociais por elas usadas na vida pública. Embora o desconhecimento acerca das “chaves” não prejudique a fruição estética por parte dos leitores de um bom *roman à clef*, o desvelar de intrigas envolvendo pessoas reais acaba por agregar à obra um atrativo a mais para a leitura da mesma.

O gênero *roman à clef* se popularizou bastante na França do século XVII, sendo Madeleine de Scudéry (1607-1701) apontada “como a inovadora do gênero criando-o para disfarçar do leitor geral as figuras públicas cujas ações e ideias políticas formaram a base de suas narrativas de ficção”⁴ (BOYDE, 2009, p.156). Com sua grande difusão, tais obras dessa “arte da difamação”, conhecidas também como libelos, seriam muito apreciadas na França pré-revolucionária, e em suas críticas mordazes e enxovalho, nem mesmo o rei Luiz XV era poupado, o que fez com que muitas delas fossem proibidas,

³ Tradução livre feita pelo autor

⁴ Idem.



apreendidas e destruídas; seus autores perseguidos e presos; originando toda uma indústria clandestina de produção, edição e distribuição de livros proibidos. Acerca desse contexto, Robert Darnton, destacado pesquisador do sistema literário clandestino da França pré-revolucionária, nos esclarece que esses escritores:

(...) desenvolveram um modo próprio de jogar lama: os *libelles*, relatos escandalosos das questões públicas e da vida privada das grandes figuras da corte e da capital. O termo não é muito usado em francês moderno, mas fazia parte da linguagem cotidiana do mundo editorial do Ancien Régime e os autores de tais obras eram fichados nos arquivos da polícia como *libellistes* (2012, p.14).

Os libelos eram largamente consumidos pelo público leitor, ávido pelos escândalos das elites, movimentando um agitado mercado clandestino de obras proibidas, sendo muitas delas impressas em países vizinhos à França, e adentrando o território francês através de uma obscura rede de distribuição, pelas porosas fronteiras do país. A busca por combater tais obras, que corroíam as bases da sociedade vigente – representada pela monarquia, pela igreja e pelos bons costumes – levou o governo francês a contratar centenas de sensores para determinar quais obras seriam ou não ofensivas ao *status quo*, a criar uma polícia especializada para combater o contrabando dos libelos, chegando mesmo ao ponto de destacar agentes secretos para assassinar libelistas residentes fora do território francês.

A repressão aos livros proibidos era bastante dura, a ponto de os libelistas serem marcados a ferro, atados ao pelourinho em praça pública e expostos ao escárnio do povo, antes de serem cerrados nos porões da Bastilha. Acerca dessas ocorrências, afirma-nos Darnton que: “O conselho real condenava alguns títulos individualmente. Os bispos trovejavam nos púlpitos. E numa grande cerimônia o carrasco rasgava e queimava livros proibidos ao pé da escadaria do Parlamento parisiense” (1998, p.12).

O *roman à clef* sobreviveu através dos tempos, de modo que há ocorrências de obras que se enquadram nesse gênero sendo produzidas até nossos dias. Entretanto, as ocorrências de retaliações a tais obras e seus autores dependerão certamente de seu conteúdo mais ou menos ofensivo, em consonância com os níveis de liberdade ou autoritarismo de cada lugar e época em seu respectivo contexto de publicação.


Um *roman à clef* na Amazônia do século XX

Ao se analisar o romance *Chibé*, de Raimundo Holanda Guimarães, ficam nítidos os indícios e características que permitem, a partir das conceituações e definições dos autores supracitados, classificá-lo como um exemplar do gênero *roman à clef*. Primeiramente, destacam-se as correspondências entre personagens ficcionais presentes na obra e pessoas reais bastante poderosas do ponto de vista político e econômico, que compunham o contexto histórico à época da publicação do romance. Soma-se a isso a exposição do conflito entre a imagem pública das pessoas retratadas no romance, marcada pela reputação ilibada e impoluta, em contraste com a sua vida privada, eivada de desvios morais, torpezas e mesquinhas, revelando toda a hipocrisia da sociedade que compunha aquele determinado contexto histórico. Nesse sentido, corroboram para tal constatação os diversos depoimentos que serão aludidos neste trabalho.

Outro aspecto que reforça a convicção de estarmos diante de um *roman à clef* diz respeito às referências espaço-temporais bastante precisas ao contexto real concreto, feitas constantemente por Holanda Guimarães no decorrer da obra. A precisão cronológica com que se passa o enredo da mesma, a descrição geográfica precisa da Vila do Apeú e das residências das personagens retratadas, dados precisos referentes aos itinerários do trem que cortava a região, o relato fidedigno de fatos históricos de grande repercussão e amplo conhecimento facilitam, por vezes, o estabelecimento das relações entre o relato ficcional e o contexto real objetivo por parte do leitor, assemelhando-se, em alguns trechos, a um relato histórico. A citação abaixo exemplifica tais alusões:

Abicorando para ver se vê alguém de Apeú, com quem não quer encontrar-se, vai andando devagarinho no rumo da estação: entrou na farmácia do seu Sampaio, bem defronte. Dali poderia ver sem ser visto, quando seu Zé Nascimento passasse na máquina entre as calçadas de um metro de altura dos dois lados dos trilhos: a estação é diferente de tôdas as outras da Estrada, cobrindo o trem todinho, ficando a máquina entre o armazém da frente, quando vem de Bragança, e a sala de telegrafia, onde se vendem as passagens (GUIMARÃES, 1964, p.94).

No que concerne à natureza do *roman à clef*, chama-nos a atenção a tênue fronteira entre ficção e realidade que parece caracterizar esse gênero, permitindo aos leitores uma “dupla conscientização”, fruindo obras ficcionais que teriam,



supostamente, suas bases diretamente atreladas à realidade factual. Raimundo Holanda Guimarães parecia ter consciência desse jogo estabelecido entre ficção e realidade em seu romance, embora tomasse o cuidado, por exemplo, de não citar os nomes reais das principais pessoas expostas na obra. Em seu segundo livro, *Cidade perdida* (1999), Holanda Guimarães faz uma rápida menção aos frágeis limites entre ficção e realidade, bem como à polêmica gerada pela publicação do romance *Chibé*. Embora não entre em grandes detalhes, o autor deixa clara a sua condição de *persona non grata* na Vila do Apeú em decorrência das famílias que se sentiram atingidas em sua honra por seus escritos, como se pode observar no excerto abaixo:

Candidato a deputado estadual, participei de um comício, no Apeú, num domingo. Na tarde daquele dia, o candidato a prefeito, Armindo Miranda, procurou-me para me pedir que não fosse ao Apeú, porque o ambiente estava hostil a mim e ele queria evitar confusão. Reagi e disse que iria. Prometeu-me votos lá, mesmo sem a minha presença porque ele não poderia me garantir diante dos protestos à minha ida, tudo por causa do meu livro “Chibé”, cujo enredo, desenrolando-se entre Apeú e Castanhal, envolve personagens confundidas com pessoas reais daquele lugar. (...) Aliás, isso não me deprimiria, pois tal fenômeno era a prova de que a realidade se confundia na ficção, embora esta não tenha compromisso com aquela, uma vez que “a arte não tem compromisso com o ideal particular de quem quer que seja”. Prova, também, que a fronteira entre a realidade e o sonho, é bem estreita, vivem parede-meia (1999, p.225).

Nesse jogo entre ficção e realidade, ganha grande destaque o papel e a perspectiva do leitor, sobretudo quando este é detentor da “chave” do *roman à clef*, ou seja, quando conhece o contexto a que a obra faz referência, e é capaz de estabelecer as relações entre as personagens ficcionais e as pessoas reais a que aquelas correspondem. Ao se lançar o olhar sobre a polêmica envolvendo a recepção do romance *Chibé*, supõe-se a predominante interpretação do conteúdo da obra pelo público leitor não como parte de um texto de ficção, mas possivelmente como confirmação de casos escandalosos que provavelmente já corriam à boca pequena, a que o registro em livro dera um possível caráter de oficialidade. Refletindo acerca dos aspectos pertinentes às expectativas do público leitor, Hans Robert Jauss afirma que:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se


apresentem as questões para as quais o texto construiu uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra (1994, p. 39).

Ao tentar reconstruir o perfil dos leitores castanhalenses contemporâneos à publicação do *Chibé*, supõe-se que naquela então pequena cidade do interior do Pará, ainda pouco desenvolvida, cuja escola mais bem estruturada era o Grupo Escolar Cônego Leitão, mantido pelo estado (que oferecia ensino somente até o primário – atual 5º ano), fossem pouquíssimos os leitores habituados às convenções de escrita literária, o que pode ter contribuído ainda mais para o agravamento dos conflitos envolvendo a recepção da obra. Tal suposição ganha maior força ao se observar o depoimento de João Porto, amigo de infância de Holanda Guimarães, o qual oferece, por amostragem, um perfil do público leitor castanhalense à época da publicação do *Chibé*, ao mencionar sua condição cultural naquele contexto, marcada pelo pouco conhecimento literário: “Como eu falo... na época, além de ser preguiçoso na leitura, (...) era de uma família numerosa, e que precisava correr atrás da vida (...) havia mais necessidade de outras coisas, correr atrás de uma profissão, estudar, pra ver se galgava um ponto” (informação verbal)⁵.

É certo que o *roman à clef*, enquanto gênero que joga com os limites entre o real e o ficcional, para que seja fruído em sua plenitude, necessita que o leitor seja conhecedor das pessoas reais a que se refere a obra, ou seja, que o mesmo possua a “chave”, e assim esteja habilitado a apreender a mesma em seu sentido profundo. É provável que muitas pessoas fora da Vila de Apeú não estivessem capacitadas a tal nível de leitura, como parece ser o caso de uma de nossas entrevistadas, Maria Espinheiro de Araújo, à época uma jovem estudante da cidade de Castanhal que haveria datilografado todo o romance *Chibé*, a pedido do autor, que lhe entregava os manuscritos aos poucos, em páginas avulsas, ou lhe ditava os capítulos por horas a fio. Segundo a entrevistada:

A polêmica é que ele teria... inclusive teria sido apreendido o livro... porque ele teria falado sobre uma família, aquele livro seria ele falando sobre uma família de Castanhal que não teria gostado da exposição no livro. Mas isso aí também não questionei, porque se era sobre a família, esta família não existia no livro, pelo menos nominalmente. Nem eu conhecia a família, nem eu conhecia a história da família. Quer dizer: se eles vieram a público pra dizer que eram

⁵ Entrevista concedida por PORTO, João Batista Borges. Entrevista I. [Ago. 2016]. Entrevistador: José Victor Neto. Belém, 2016. 1 arquivo .vídeo I (23 min.).



eles, e achavam que não deveria ter sido escrito, eu não entendi o porquê (informação verbal)⁶.


Tais dúvidas, por outro lado, não parecem causar hesitação quanto ao entendimento do sentido profundo da obra na relação direta entre suas personagens e seus correspondentes reais para algumas das pessoas entrevistadas que conheceram a fundo a história das famílias da Vila de Apeú. Esse parece ser o caso de Amilcar Carneiro, amigo do autor e colega de redação no *Novo Jornal*, antigo morador da cidade de Castanhal e também conhecedor das principais famílias da Vila de Apeú. Para ele:

Foi um livro muito polêmico, porque os personagens todos eram vivos, e ele conta a história do povo do Apeú, da... da... de como as moças perdiam a virgindade muito cedo no Apeú, né? Enfim, isso aí ficou... ele ficou marcado no Apeú por essas coisas. Diz-se que na época ele não podia entrar no Apeú que o pessoal queria... queria a cabeça dele. (...) A grande polêmica que eu me lembro na época foi falar da família mais importante do Apeú (...). (...) Apenas ele fala o que aconteceu, transcreve em forma de romance, a história de uma família que se instalou na Vila do Apeú, portugueses, a filha bonita que era cobiçada por todos os rapazes da vila e da cidade... (informação verbal)⁷.

Ao que parece, a vinculação entre as personagens ficcionais e as pessoas reais que habitavam o Apeú por parte dos leitores conhecedores do contexto público em que se passa a obra era provavelmente reforçada pelo “conhecimento” da vida íntima dos ilustres moradores locais, ou seja, pelas fofocas que possivelmente povoavam a Vila, como nos atesta o próprio autor, em um trecho do romance: “A alma da vila se nutre da vida alheia: bôca do povo, faminta de mal-dizer, pedaços pelos becos, pela rua, nos cantos, por tôda parte, comendo reputação” (GUIMARÃES, 1964, p.16). O conhecimento acerca do comportamento das famílias da localidade como chave para autenticar os relatos parece ser atestado pela professora Ocila Favacho, prima do autor e, assim como ele, frequentadora assídua da Vila do Apeú, devido ser o local de residência de seus pais e avós. A mesma lança também algumas luzes acerca dos métodos utilizados pelo autor quando da escritura do romance. Segundo a entrevistada:

⁶ Entrevista concedida por ARAÚJO, Maria de Jesus Espinheiro Nascimento de. Entrevista I. [fev. 2017]. Entrevistador: José Victor Neto. Castanhal, 2016. 1 arquivo .vídeo I (14 min.).

⁷ Entrevista concedida por CARNEIRO, Amilcar Queiroz. Entrevista I. [Ago. 2016]. Entrevistador: José Victor Neto. Castanhal, 2016. 3 arquivos .vídeo II (46 min.).




Como ele era polêmico, não tinha muito medo de falar, ele citava o nome das pessoas, um pseudônimo, alguma coisa assim, mas que a história já dizia quem era a pessoa, entende? E isso causou sim uma certa confusão, que ele teve muitas vezes de sair mas... eram histórias bem verdadeiras. Ele não inventava não, eram verdadeiras (risos). (...) E com relação a esse romance ele passou vários anos pra escrever, né? Fazendo pesquisas, e foram as respostas dadas pela pesquisa que ele fez, né? Então ele entrevistou pessoas no Apeú pra poder lançar esse livro, e... tinha maledicência? Com certeza, né? (informação verbal)⁸.

No contexto de publicação do *Chibé*, é importante considerar o conflito entre a imagem pública e a vida privada das personagens retratadas no romance, sobretudo, pela exposição de seus aspectos mais íntimos e inconfessáveis. Holanda Guimarães, como uma espécie de garimpeiro de escândalos, parece transpor em sua bateia as infâmias e sordidezes de tais pessoas da realidade para a ficção, ocultando-lhes os nomes verdadeiros sob o véu da ficcionalidade e, ao mesmo tempo, expondo ao enxovalho essas mesmas pessoas tão poderosas, de reputação ilibada que “governavam” a Vila. Seria a ficção apenas um alibi que pudesse garantir um salvo-conduto ao autor? Quais intenções o moveram para a publicação da obra? Gerar polêmica talvez tenha sido a principal delas, segundo o que se pode inferir a partir do relato do engenheiro Luiz Fernando Carvalho, carioca radicado há muitos anos na Vila de Apeú, o qual destaca algumas questões acerca das intenções do autor, bem como acerca do impacto da publicação de sua obra naquele lugar. Segundo o mesmo:

Nessa ânsia dele de provocar o escândalo, né? E provocar as discussões e desmascarar a sociedade... ele abordou isso numa vila muito pequena onde todos se conhecem, né? Mesmo dando vários pseudônimos... é... mas que as situações que ele... que ele cita no livro são factíveis de serem identificadas como os... os personagens com as pessoas locais da vila, né? Então, nisso... é... eu não sei se exatamente se ele construía isso com verdade ou com... com ficção, mas ele... nisso ele causou uma situação muito delicada na Vila, tanto é que ele contava pra mim que ele muitos anos ele não pôde pisar na Vila do Apeú por essa questão, inclusive ameaças de morte que ele recebeu. E pra ele isso era uma consagração, né? Como o Nelson Rodrigues dizia que a vaia consagra, também a ameaça de morte, também consagra um escritor que quer, que aborda esse tipo de situações da sociedade.

⁸ Entrevista concedida por FAVACHO, Ocila da Silva. Entrevista I. [Set. 2016]. Entrevistador: José Victor Neto. Castanhal, 2016. 1 arquivo .vídeo I (28 min.).



Acho que ele traz realmente uma coisa diferente e, numa vila pequena como a nossa de Apeú isso foi um... caiu como uma bomba. As pessoas que eram... que são retratadas tinham a sua integridade social e... em todos os sentidos completamente ilibada e sem manchas, né? E de repente uma pessoa parece que abre os armários e abre as gavetas e começa a botar coisas que as pessoas não queriam que aparecessem. Então isso realmente causa... causou... até hoje ainda é um livro tabu dentro da vila de Apeú (informação verbal)⁹.

Ao que consta, após a apreensão da obra e, principalmente, passados alguns anos, os ânimos em torno da polêmica parecem ter arrefecido, o que permitiu que o autor novamente frequentasse a Vila sem o risco tão grande de represálias por parte das pessoas retratadas no romance. É possível supor que a aparente calma que pairou sobre o assunto fosse também decorrente da própria percepção da família exposta no romance de que manter acesa a hostilidade em relação ao autor findaria por manter acesa também a polêmica, o que chamaria mais atenção para a obra e seus reverses. Aliada a isso, a escassez da referida obra, mantida hoje por alguns poucos proprietários como uma raridade, também tornaria sem razão tal postura de indisposição para com o autor. Entretanto, para alguns entrevistados, as cinzas sobre a fogueira dessa polêmica ainda guardam sob si as brasas do escândalo, e mesmo a simples menção à obra na Vila do Apeú continuaria sendo um tabu, como afirma já citado Luiz Fernando Carvalho:

Luiz Fernando: Ainda hoje provoca bastante polêmica o simples mencionar esse livro aqui na Vila (...). Tem pessoas que dizem que querem pegar esse livro onde eles estiverem e botar no fogo, sem que ninguém leia nem saiba.


Entrevistador: *Então ainda há uma intenção de manter...*

Luiz Fernando: ...manter ele enterrado. Como eles quiseram talvez até manter enterrado o autor. Como eles não puderam fazer isso com o autor, eles tentaram... fizeram isso praticamente com a obra (informação verbal)¹⁰.

Sob o signo da polêmica, eis que nos deparamos com um autêntico exemplar de *roman à clef*, o qual retrata na ficção pessoas reais de um determinado contexto histórico, causando um efeito bombástico decorrente de sua recepção, passando o próprio romance a ser o gerador de um fato histórico, com consequências concretas para

⁹ Entrevista concedida por CARVALHO, Luiz Fernando Souza de. Entrevista I. [Set. 2016]. Entrevistador: José Victor Neto. Castanhal, 2016. 1 arquivo .vídeo I (26 min.).

¹⁰ Idem, ibdem.



o autor e sua obra. Se considerarmos essa mistura: um autor polêmico, disposto a atacar a hipocrisia de uma sociedade através do contraste entre a imagem pública e a vida privada de pessoas ilustres, fazendo uso de uma “arte da difamação” que joga, de modo intencional e irônico, com os limites entre ficção e realidade; um público possivelmente pouco habituado à leitura literária, e muito habituado ao mexerico e ao teatro das elites conservadoras; e um conteúdo altamente incandescente, em que são expostas as intimidades inconfessáveis de personagens diretamente relacionadas a correspondentes reais de alta reputação social; parece que estamos diante de todos os ingredientes de um grande escândalo, bem ao gosto do escritor Raimundo Holanda Guimarães.

Referências bibliográficas

BOYDE, Melissa J. *The Modernist Roman à clef and Cultural Secrets, or I know That You Know That I Know That You Know*. Australian Literary Studies, 24 (3-4), p.155-166, 2009.

DARNTON, Robert. *O diabo na água benta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREITAS, Sônia Maria de Freitas. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.

GUIMARÃES, Raimundo Holanda. *Chibé*. Belém: Imprensa Oficial, 1964.

GUIMARÃES, Raimundo Holanda. *Cidade Perdida (Saga de tarimbeiro)*. Belém: Cejup, 1999.

GUIMARÃES, Raimundo Holanda. *A Cor da Saudade*. Castanhal: Ed. Chibé, 2004.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

NUNES, Benedito. *Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará*. Org. Victor Sales Pinheiro. Belém: EDUFPA/SECULT, 2012.